

Chianca, Luciana. Amizade, emoção e sociologia sensível: a reflexividade nas vidas e obras. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 16, n. 48, p. 183-185, dezembro de 2017, ISSN 1676-8965.

#### RESENHA

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>

## Amizade, emoção e sociologia sensível: a reflexividade nas vidas e obras

Friendship, emotion and sensitive sociology: the reflexivity in lives and works

**Dantas, Cauby. *Gilberto Freyre e José Lins do Rego: diálogo do senhor da casa-grande com o menino de engenho*. Campina Grande: Editora UEPB. 2015.**

Há pouco tempo recebi a feliz notícia desta publicação do sociólogo Cauby Dantas, meu colega do curso de Ciências Sociais na UFPB, em Campina Grande, nos anos 1980. Publicando a versão on-line de sua dissertação de mestrado, ele me apresentava antecipadamente com uma versão em PDF, enquanto a publicação em papel era aprontada.

Aquela dádiva me trouxe grande felicidade, pois estreitava nossos laços, já que não fomos muito próximos durante nossa graduação, - quando compúnhamos um grupo com interesses muito diversos, identificado por Araujo Lima (2009) e Alves (2007) como “a Esquina do Grude”. Reaproximando-nos mais de 25 anos depois, me senti agraciada; como se recebesse uma compensação pelo acometimento gravíssimo, - seguido da perda profundamente ressentida -, de Rômulo de Araújo Lima, nosso querido professor de sociologia e grande amigo. Por ele nós dois nutríamos uma profunda e fiel amizade.

Entre uma visita e outra ao hospital onde nosso mestre convalescia, fomos consolidando nosso afeto recí-

proco: com prazer sincero eu reencontrava Cauby e recebia dele o amparo vital àqueles momentos difíceis de convívio e confrontação com a dor e o sofrimento de Rômulo. Num desses encontros, perguntei a Cauby como havia transcorrido seu Mestrado, que ele havia concluído em 2005. Sabia que era sobre a correspondência mantida entre José Lins do Rego e Gilberto Freyre, pois ele já me havia dito. Fiquei interessada: como referir-se a duas figuras de tamanha monta sem repetir outros autores? Como ele havia trabalhado documentos tão íntimos e pessoais? Qual o teor de suas descobertas sociológicas? Noutra oportunidade ele me falou deste livro, que estava no prelo. Poderia encontrar nele as minhas respostas.

Depois de lê-lo, vejo que valeu a espera. Em quatro capítulos de grande densidade emocional e analítica, Cauby estuda a obra de Gilberto Freyre e José Lins do Rego através de diversas produções desses autores e de seus comentaristas. A obra de ambos é analisada à luz da historiografia e da análise literária, recuperando a vitalidade dessa produção através de uma sensível análise sociológica da obra de cada um, inseridas no contexto de suas épocas e com elas guardando uma estreita conexão, a qual Cauby Dantas se empenha em revelar ao leitor.

Assim, o livro apresenta os principais lances históricos que marcam o

período no plano social, econômico, cultural e intelectual, não apenas através das influências que ambos poderiam exercer sobre o outro nos fluxos desta intensa amizade, como também nos contextos familiares, regionais e também dos processos sócio-econômicos em curso e através do acesso que ambos tiveram a autores americanos e europeus.

Como se fosse de pouca monta, e fiel à sua reputação de grande estudioso, ele também analisa uma longa série de cartas trocadas entre os dois- respectivamente nomeados o Senhor da casa grande e o Menino de engenho, em clara referência às duas obras mais famosas dos dois autores. Através de cartas, Senhor e Menino falam das suas vidas num “pacto epistolar” de conteúdo “afetivo, sincero, despojado”, compondo os matizes do ambiente social e cultural daquele tempo. Segundo as próprias palavras de nosso autor, é a “percepção emotiva dos missivistas” que fornece o material de sua reflexão.

Conduzindo o leitor através do universo biobibliográfico de ambos, Cauby revela uma aguda percepção na coleta e tratamento desse extraordinário material de pesquisa. O que mais me impressiona no seu trabalho é a fina delicadeza com a qual aborda as 238 cartas correspondidas durante mais de trinta anos- entre 1924 e 1956-, e às quais ele teve acesso direto no acervo do Museu José Lins do Rego da Fundação Espaço Cultural da Paraíba (FUNESC). O Senhor e o Menino se revelam a Cauby (e a nós, por ele) através deste vasto material, que revela uma infinita riqueza literária, etnográfica e sociológica.

O ápice desse livro é a análise de tais correspondências, à luz do contexto objetivo e subjetivo dos dois missivistas, tema do terceiro capítulo desta obra de “sociologia sensível”, que se destaca na produção contemporânea e sobre a qual sua orientadora afirma, na Introdução:

“A obra é rica em delicadeza, sensibilidade nutrida por um profundo respeito e até mesmo paixão do autor por esses dois escritores geniais; é um rico exemplo de como é possível produzir saber acadêmico sem perder a doçura, e que igualmente é preciso coragem para assumir a subjetividade presente em todo o texto, a despeito de muitos pseudo-cientistas que só sabem se amparar, se proteger no verniz altamente gelatinoso da objetividade.” (p. 12)

A reflexividade é o sentido de sua *empeleitada*. Já indicada no título, ela se revela não apenas através do restabelecimento do diálogo entre os dois netos de senhores de engenho, mas configura o campo compreensivo que o autor empreende com ambos: “a ideia de reflexividade vem trazer um sopro de vitalidade à sociologia, num momento em que tanto se fala de sua crise e da fragmentação do seu objeto”. (p. 39). Há ainda a dialogia que ele engaja com os seus leitores, geralmente difícil de ser realizada, mas nesse caso coroada de sucesso.

Outro diálogo dele é consigo mesmo, pois situado na sociologia da casa grande (a Universidade, com seus títulos e reverências), Cauby coteja o maravilhoso e surpreendente engenho da vida: o mundo das sensibilidades, da descoberta e do conhecimento, à revelia do Currículo Lattes, livre da Plataforma Sucupira e alheio aos indicadores *Qualis*:

A reflexão aqui feita pretendeu apenas fazer ouvir um fio da nossa voz em torno de uma melhor compreensão desta relação. Talvez seja, ainda, uma tentativa débil e canhestra de participar do diálogo (...) ao fim e ao cabo, e descontados os inúmeros erros e fragilidades e considerando-se possíveis acertos estaremos, quem sabe, contribuindo para o desvelar de novos conhecimentos acerca de uma sociologia e de uma literatura

que, nascidas em grande medida sob o signo do amor e da amizade mais puros, tanto contribuíram, com seus erros e acertos, para uma melhor compreensão do Brasil. (p. 164)

Diante de dois vultos literários e sociológicos, Cauby destaca a experiência afetiva que os associou, ressaltando que ambos nutriam uma profunda fidelidade às suas memórias. Assim é que eles se valem de fragmentos mnemônicos para alicerçar suas obras, variando sobre temas referenciados no Nordeste da cana de açúcar, da burguesia urbana e dos conflitos no cotidiano do trabalho e da vida familiar. Envolvendo essas temáticas, a ímpar, intensa e profunda amizade que os unia.

Se este livro interessa a sociólogos, historiadores, geógrafos, artistas, literatos, antropólogos, curiosos e pesquisadores de horizontes diversos é porque ele foi escrito sob o signo da amizade, como se lê na primeira linha da *Introdução*:

Este é um texto sobre amizade e amigos, tanto pela temática que aborda, como pela história de sua publicação. (p. 13).

Acima de tudo esse livro destaca a potência dos vínculos fraternos geralmente confinados aos bastidores ou sob os tapetes vermelhos da glória, mas que informam, constituem e abrihantam pequenas e grandes obras.

### Referências

Alves, Edvaldo Carvalho. *Ciências Sociais e secularização: um estudo sobre a trajetória de vida religiosa de profissionais formados em ciências sociais na Paraíba*. Tese de doutoramento, Ciências Sociais. Universidade Federal de São Carlos. 2007.

Araujo Lima, Rômulo de. *A luz que não se apaga: a Escola Politécnica da Paraíba e a formação de um campo científico-tecnológico*. Tese de doutoramento,

Ensino, Filosofia e História das Ciências. Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2009.

*Luciana Chianca*

